

Luciane Danelli Barragan
3 Palavras: Mulher, Literatura, Sociedade

O papel da mulher na literatura infantil: ela menina , mãe e avó

Busco refletir sobre a relação social das mulheres contemporâneas que aparecem na Literatura Infantil, já que elas refletem valores impostos e postos durante muito tempo; cito assim, a nova história¹ como uma das linhas de reflexão.

Concordando com Pierre Bourdieu (1966, p. 898), quando diz que “é na literatura que se expressa concretamente a visão de mundo de uma geração ou de uma época”, utilizarei para análise da representação do feminino na Literatura Infantil quatro livros: *O colo da vovó* (Paulus, 2000), de Sellamari Rocha; *Suriléa mãe monstrinha* (Paulus, 1984), de Lia Zatz; *Tem um avô no meu quintal* (Quinteto Editorial, 2000), de Tânia Alexandre Martinelli e *Vovó quer namorar* (FTD, 1997), de Maria de Lourdes Krieger. A análise focalizará três aspectos: as relações intergeracionais, as temporais e as profissionais.

A primeira obra tematiza o relacionamento existente entre uma menina e sua avó no dia-a-dia, uma relação de carinho e respeito entre o jovem e o idoso, entre o prazer de viver e a liberdade. A personagem avó é dedicada e atenciosa, devotando o seu tempo aos netos através de atividades como cozinhar, contar histórias e inventar brincadeiras. A mãe aparece somente no final, com uma pilha de papéis na mão, mostrando estar sempre ocupada com seus afazeres profissionais e sem tempo para a filha, que prefere ficar com a vovó. O pai é apenas uma memória, aparecendo somente nos pensamentos da menina, deixando transparecer que o homem também está sempre ocupado e ausente.

A história toda é descrita pela menina através de memórias, advindas de uma foto da avó que está num porta-retratos, em sua escrivaninha (ROCHA, 2000, p. 5). O fato de a menina estar com um caderno aberto em sua escrivaninha, dá a entender que está fazendo as lições ou talvez escrevendo num diário, que seria seu

¹ A nova história é a substituição da história factual por uma história-problema, uma história de todas as atividades humanas e a colaboração com outras disciplinas.

companheiro nas horas em que fica sozinha. A personagem vai recordando todos os detalhes da casa da avó, como se realmente estivesse vivendo todas as emoções novamente. As lembranças da casa, o cheiro das comidas, o afeto recebido, as histórias narradas, o fato da avó tratá-la como criança, mas respeitá-la como criança.

Na relação entre pais e filhos, por algum motivo os pais estão sempre ocupados, ou talvez não saibam o que fazer ou como reagir quando entram em contato com aquele ser tão especial que é a criança. Percebe-se também que a autora não dá nome aos personagens da narrativa, cita apenas através das lembranças da menina a avó, a mãe e a solidão que a menina sente, o desejo de morar com a avó e de ver os pais somente nos finais de semana.

As ilustrações de João Anselmo mostram uma avó daquelas antigas, de vestido, avental, óculos, tiara nos cabelos, chinelos de pano; em atividades domésticas, mostrando uma preocupação com a alimentação da neta, mas ao mesmo tempo uma avó que dirige um carro, uma mulher atualizada e independente, que faz o que gosta.

O livro *Suriléa mãe monstriha*, de Lia Zatz, lançado em 1984 e vinte anos depois já na 13ª edição, destaca a multiplicidade de papéis que a mulher pode desempenhar, trazendo a representação da mulher como profissional, mãe e administradora do lar. A autora narra a história de uma mãe que se desdobra em duas para dar a atenção desejada por suas duas filhas, Margarida e Violeta. Toda vez que Suriléa chegava em casa era a mesma coisa – as duas filhas queriam atenção, até que, após um sonho, ela vira uma monstria de duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, enfim, multiplica-se em duas para dar a atenção requerida e igual às duas filhas. Esse acontecimento as deixa muito felizes mas depois de um tempo de convivência com a nova mãe, as duas voltam a querer a mãe como era antes; Suriléa então volta a ser normal. As filhas, a partir dessa experiência, resolvem tornar-se independentes. Ao invés de brigar, negociar na hora de tomar banho, de ir para a cama, de jantar, para ver quem faz as coisas primeiro. Apesar de terem uma atitude mais adulta, sentem falta da mãe participando daqueles momentos gostosos de bagunças e brigas que fazem em suas atividades diárias.

Percebe-se que nesse livro a figura masculina está ausente, exceto pelas fotos penduradas nas paredes da casa. A mulher assume os dois papéis, de mãe e pai das meninas; trabalha fora o dia todo, assumindo assim o seu lado de profissional e, quando chega em casa, assume a sua outra jornada de mãe e dona de casa. Lia Zatz retrata uma casa cheia de carinho, onde cada membro dá e recebe esse carinho a seu modo.

Nota-se que as ilustrações de Eva Furnari são diferentes, diria estilizadas. Suriléa parece uma mulher elegante – aparece de salto alto, cabelos bem arrumados, sempre de vestidos combinando com os sapatos e a bolsa, maquiada; ao mesmo tempo que assume seu papel profissional, mantém a casa e as filhas em ordem.. Em alguns momentos, as gravuras mostram Suriléa com cara de brava, como se estivesse dando uma “bronca” nas meninas, e assim colocando as coisas em ordem; em outro momento, ela aparece sentada, lendo o jornal, mostrando estar sempre atualizada.

Segundo um artigo de Garboggini (In Ghilardi-Lucena, 2003, p.144), de acordo com os padrões estabelecidos pela mídia, a mulher só obterá sucesso profissional e pessoal se for bonita e perfeita. A beleza passa a ser a condição para que avance profissionalmente. Esse ideal de beleza parece inatingível e faz com que as mulheres muitas vezes se sintam inseguras ou menos valorizadas. A publicidade desenvolveu o tipo de abordagem que condiciona a beleza da mulher à utilização de certos produtos, que vão do vestuário à higiene pessoal; nesse sentido, torna-se muito interessante manter economicamente (ou socialmente) uma ideologia que faz com que a mulher, além de trabalhar fora, mantenha a casa e seja dependente dessa ideologia de estar sempre bela, não importando o quanto isso custe a ela. Nota-se que Suriléa está dentro desse padrão. Penso que a autora foi bastante ousada e que talvez estivesse representando uma mudança ocorrida com ela mesma ou com alguém que ela conhecia, e assim mudando um pouco a imagem social e histórica da mulher.

O livro *Vovó quer namorar*, de Maria de Lourdes Kriger (1997), demonstra uma personagem avó super moderna, que usa roupas coloridas, salto alto e maquiagem. Tais artifícios de beleza são considerados por sua filha Luci como coisas da juventude e não cabíveis para o comportamento e atitudes de uma “avó”. Nesse livro percebem-se três representações do feminino: a filha Luci, a avó Frosina e a

neta Letícia, três gerações diferentes: o conservadorismo da primeira em relação à ousadia das outras. Outro destaque para a narrativa é a relação temporal trabalhada aqui através da memória da avó, que narra para a neta o seu passado de repressão, através da foto do marido Eugênio na parede, nos retratos do álbum de família e das lembranças da avó contadas para a neta.

O livro mostra a representação coletiva da sociedade a partir de sistemas de símbolos e padrões culturais. Percebe-se isto através da personagem da vó Frosina, que em suas lembranças de mocidade descreve a audácia de uma menina que resolveu andar de calça comprida e chapéu e que cortou o cabelo curto ela mesma. Nota-se nessa lembrança que a representação da época era de mulheres submissas, que ficavam dentro de casa, preparando-se para serem esposas e mães. Neste aspecto, percebe-se também que ela estava à frente de seu tempo, pois fora a primeira menina a freqüentar os bancos escolares na região, estudando no meio apenas de meninos e causando surpresa nas pessoas. Deixa evidente, além das representações da memória, a relação entre gerações, destacando o papel da avó, no caso, Frosina, da filha Luci e da neta Letícia. No entanto, a relação e/ou a visão de mundo existente entre essas três gerações é bem diferente. A filha Luci, é recalcada e castradora; apesar de ter estudado e ser médica, reprova as atitudes da mãe, acha que uma senhora que ficou viúva deve ser discreta, fazer crochê e cuidar dos netos. A avó reconquista na velhice a liberdade da mocidade, e a neta, que comunga com a avó os novos tempos femininos, ouve com respeito e silêncio o passado da avó e aceita seu desejo de procurar uma companhia masculina.

A visão que autora passa no livro está presente há muito tempo em nossa sociedade. Conforme Lajolo e Zilberman (1996), a mulher era educada para ser mulher e cuidar das prendas do lar, ou seja, em seu currículo estavam os estudos de religião, trabalhos manuais, economia doméstica e prendas do lar, visando prepará-la para a vida em sociedade.

A ilustradora, Márcia Cardeal, transmite suavidade nas poucas gravuras em preto e branco que aparecem no livro, retratando o passado e o presente da personagem principal que é a Vó Frosina. Os homens que aparecem no livro são diferentes: o pai de Frosina, um homem a frente de seu tempo, deixava a menina fazer

o que queria, mas a educava ao mesmo tempo. Seu marido, Eugênio, era castrador, reprovador, severo e o genro de Frosina, um homem brincalhão, de bem com a vida.

No livro *Tem um avô no meu quintal*, de Tânia Alexandre Martinelli (2000), é narrada a história do menino Luiz, que adora a avó, moradora de uma casa com um imenso quintal, cheio de árvores frutíferas. Ele vivia feliz, sabendo que era o xodó da vovó Esmeralda e dela recebia muito carinho e toda a atenção possível. De repente surge na vida da avó um namorado e ela decide casar-se. O menino reage, já que não aceita que a avó queira casa-se novamente e ainda dar a ele um avô adotivo.

Nessa história aparecem a avó Esmeralda, a filha (cujo nome não é citado), que questiona mas aceita e respeita as decisões da mãe, o menino Luis, que é neto e se revolta, e o novo avô, Maximiliano. Surgem aqui duas figuras masculinas, ambas querendo proteger a mulher.

O menino tentou de inúmeras formas evitar esse acontecimento, mas não conseguiu, e com o passar do tempo percebeu que seu avô adotivo era legal e fez amizade com ele. Percebeu também que o conceito que tinha de avô era daqueles que usavam cuecas samba-canção e chinelo (MARTINELLI, 2000, p. 31), mas seu novo avô era diferente, jovial, amigo e muito carinhoso com sua avó (MARTINELLI, 2000, p. 36).

Observa-se que a ilustradora Camila de Godoy Teixeira utiliza cores quentes, fortes e suaviza-as com cores neutras e frias, tornando assim, a imagem chamativa. As formas geométricas estão bastante evidentes nos desenhos da casa, das janelas, mas são formas estilizadas, de uma casa moderna e ao mesmo tempo tradicional.

A avó é extremamente jovial – aparece em todas as gravuras usando tamancos, roupas coloridas, cabelos curtos e arrumados; é tradicional e contemporânea ao mesmo tempo. Seu Maximiliano também é um avô diferente – usa tênis e bermuda jeans, demonstra ser jovial e não tradicional como grande parte dos avôs que as crianças conhecem por aí. A mãe de Luis é apenas citada, não aparece seu nome nem sua imagem, e o pai também não aparece em nenhum momento, dando a entender que não existia a figura paterna naquela família.

As significativas transformações nas questões sociais referentes à mulher a partir da década de 70, o trabalho fora do lar, a revolução sexual, as aparições na mídia e etc., influenciaram um novo pensar, isto é, um movimento transgressor das práticas até então vigentes. Esse fato contribuiu para transformações no campo literário, ou seja, no campo da representação. Percebe-se assim o início de uma nova literatura para crianças, com temáticas contemporâneas a fim de propiciar uma efetiva demonstração e conscientização sobre essa nova realidade.

Esses quatro livros foram escritos em épocas diferentes (de 1984 a 2000), mas trazem aspectos em comum. Verifica-se que em todos eles a mulher tem dupla jornada – trabalha em casa, é mãe e uma profissional. A figura da avó aparece em três deles, mostrando avós diferentes – duas delas bem contemporâneas, (participam de movimentos, festas, viagens, estão em cursos universitários específicos para eles e namoram) e a outra aquela avó mais conservadora. (que vivem restritas ao lar).

Nota-se assim que os quatro livros ressaltam a relação da afetividade, (do carinho entre crianças e adultos), a relação espacial, (as casas, com quintais e árvores frutíferas, o espaço gostoso das hortas e pomares, que estão desaparecendo), a relação de trabalho, (em que a mulher é profissional e mãe, assumindo dupla jornada, ficando sobrecarregada, mas mesmo assim, em muitos casos, é responsável pelo sustento da casa e pelo bem-estar da família), a relação temporal (retomando o passado através da memória) e a relação social, (destacando o papel das mulheres em diversas situações).

Percebe-se que mesmo hoje, após todas essas mudanças, a sociedade continua conservadora e o papel desempenhado pelas mulheres, apesar de ser importante e de elas representarem grande parte da mão-de-obra remunerada, de estudarem mais, continuam com salários inferiores ao dos homens. E seu papel na sociedade, apesar de todas as transformações, continua o mesmo, de serem as “protetoras do lar”.

Observa-se que mudanças literárias ocorreram e que, de certa forma, essas mudanças transformaram ou conscientizaram as crianças. Mas até que ponto as crianças estão realmente conscientizadas da importância da emancipação da mulher? Percebo nos textos um lugar de negociação, no qual a linguagem não é usada num sentido fixo e, sendo assim, o texto serve tanto para descortinar e conscientizar, como

também para manter uma postura machista e tradicional a respeito do papel social da mulher em nossa sociedade contemporânea.